
“Eu Sinto Tanta Raiva Que Amar Parece Errado”: Imagens de Controle e Escrivência no Processo de Identificação do Sujeito Negro no Rap¹

Giovanna Carneiro de Lima GOMES²
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O presente trabalho pretende articular conceitos do feminismo negro – Escrivência (EVARISTO, 2020) e Imagens de Controle (COLLINS, 2019) - para pensar as performances presentes no álbum “Quantas Vezes Você Já Foi Amado?”, do rapper baiano Baco Exu do Blues, acionando o rap como um “negro-lugar” (RIBEIRO,2020). Para isso, promove articulações de estudos sobre masculinidades negras através da análise da canção “Sinto tanta raiva...” e dos depoimentos de Baco em entrevista ao videocast PodPah.

PALAVRAS-CHAVE: Rap; Masculinidades Negras; Escrivência; Imagens de Controle; Baco Exu do Blues.

Introdução

Em janeiro de 2022 o rapper brasileiro Baco Exu do Blues lançou o terceiro álbum de sua carreira. Com o nome “Quantas Vezes Você Já Foi Amado - QVVJFA?”, ³o disco possui doze faixas e conta com participações especiais de Gal Costa, Gloria Groove e Muse Maya. A obra expõe um artista mais preocupado em falar sobre os afetos, com composições que retratam paixões e sensibilidades de Baco.

Diferente do seu álbum de estreia, “*Esú*”⁴, lançado em 2017, e também das primeiras canções lançadas no início de sua carreira, com os singles *999*⁵ e *Sulicídio*⁶, em seu último álbum, o rapper baiano se desvincula de uma postura que emula os traços de um perfil revoltado e combatente, evocando uma virilidade exacerbada, e passa a colocar o amor no centro de suas composições, demonstrando seu lado mais sentimental.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco; e-mail: giovanna.carneiro@ufpe.br

³ Disponível em:

<<https://www.youtube.com/playlist?list=PLEBT36dqW0GIK0AcWRcLxOwZDKOG7sS0g>>. Acesso em: 12 de jul. de 2023.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_IWIFUc-Jc10G4YbyZfR6g9d6MPpzGJC_E>. Acesso em: 05 de ago. de 2023.

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K5yGZRjXzgM>>. Acesso em: 05 de ago. de 2023.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OoWPHgvi16I>>. Acesso em: 05 de ago. de 2023.

Baco não é o primeiro rapper a realizar este movimento de apresentar ao público obras musicais com foco no afeto, acrescentando ao rap elementos de outros gêneros musicais, como o jazz e o soul, e com letras que não falam exclusivamente de problemas sociais e opressões causadas pelo contexto sociocultural e histórico racista do Brasil.

Em 2016, Mano Brown lançou o primeiro álbum de sua carreira solo, “Boogie Naípe”⁷, com um repertório pautado no fortalecimento da autoestima negra e tendo a dança como protagonista. Em 2019, Emicida lançou “AmarElo”⁸ e, agregando elementos do samba ao rap, colocou o amor no centro de um discurso de empoderamento das pessoas negras.

Ao analisar a recepção do público em relação ao álbum Boogie Naípe, que causou estranhamento em alguns ouvintes por não possuir elementos do tradicional “Rap de Mensagem”, fundamental para as composições do Racionais MC’S, Vieira da Silva (2017) constatou o distanciamento da obra com os símbolos relacionados ao gênero musical e as contradições presentes no fato ao afirmar que

Os símbolos são formas de determinar a noção de pertencimento ou de exclusão. No rap, os símbolos estão relacionados à vestimenta, à postura dos cantores e, principalmente, à ideia de que esse gênero musical é, antes de tudo, um instrumento de protesto. Integrar o rap é incorporar esses elementos simbólicos, é preciso demonstrar firmeza e coragem, fazendo do vigor e da audácia das ruas suas características essenciais. (VIEIRA DA SILVA, 2017)

Com isso, é possível inferir que o álbum “QVVJFA?” de Baco Exu do Blues integra uma nova onda do rap onde alguns padrões de enunciação e de códigos que conferem ao gênero musical “diferentes tipos de julgamentos estéticos, competências diferenciadas para que se construam determinados quadros de valor em relação a certas expressões musicais” (JANOTTI, 2003, p.37) estão sendo questionados e tensionados.

O presente estudo busca demonstrar como a trajetória artística do rapper baiano apresenta modulações capazes de oferecer conteúdos importantes para analisarmos

⁷ Disponível em: < https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_ne0zNqJVC829A-VIAwtzmdBlnBCEYlxU4>. Acesso em: 05 de ago. de 2023.

⁸ Disponível em: < https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_n952FcmuRRQ9afA2YMOx9OKZ3m7tunI_g>. Acesso em: 05 de ago. de 2023.

formas de enunciação e tensionamentos presentes no rap e como o gênero musical pode também ser uma ferramenta política e formativa para as pessoas negras.

Um negro-lugar de escrevivência

Nem se a polícia me pedir para parar eu paro
Me recordo dos meus ancestrais, todos continuaram
[Trecho da canção “Sinto tanta raiva...” - Baco Exu do Blues]

Na canção “Sinto Tanta Raiva...”⁹, primeira do disco QVVJFA?, que traz elementos do blues em consonância com o rap, Baco Exu do Blues exalta a autoestima e o ímpeto das pessoas negras viverem em busca do bem-viver e da vitória e faz uma defesa de que as pessoas negras precisam “cantar sobre amar”. A primeira frase da canção “eu sinto tanta raiva que amar parece errado” revela uma experiência vivida pelo rapper que emula um lugar de violência presente não apenas nas composições de Baco como também em seus depoimentos pessoais.

Justamente a fim de desconstruir uma imagem de homem negro raivoso, o rapper evoca narrativas de afeto em sua obra e provoca o público a priorizar o amor em detrimento da raiva. Nesta construção narrativo-afetiva do álbum, Baco traz melodias românticas, depoimentos pessoais e também trechos de diálogos com amigos e personalidades da música baiana, como JF e Polêmico da banda O Metrô e o ator Leandro Ramos. Mesmo se propondo a ser uma obra romântica, QVVJFA? não deixa de trazer rimas impactantes e com efeito sobre o processo de violência racista ao qual estão submetidas as pessoas negras.

Poucos dias após o lançamento do álbum “Quantas Vezes Você Já Foi Amado? - QVVJFA?”, no dia 03 de fevereiro de 2022, Baco Exu do Blues participou do videocast PodPah¹⁰, exibido no YouTube e apresentado por Thiago Marques, apelidado de Mítico, e Igor Cavalari, conhecido como Igã. A entrevista, que aconteceu ao vivo e depois permaneceu disponível para acesso no canal do YouTube do videocast, possui mais de 1 milhão de visualizações.

⁹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9H195BEIHZ4>>. Acesso em: 05 de ago. de 2023.

¹⁰ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=9qmMYua-kPs&t=3605s>>. Acesso em 27 de jul. de 2023.

Logo no início da conversa, os interlocutores celebraram a boa estreia do terceiro álbum da carreira do rapper, que alcançou o top 10 no ranking de maiores lançamentos mundiais da semana do Spotify e foi o quinto álbum mais ouvido no mundo na época¹¹. Em seguida, eles iniciam uma conversa sobre as inspirações do disco e questionam a escolha do título do álbum, direcionando a pergunta que nomeia a obra a Baco. Após afirmar que já foi amado várias vezes, o rapper baiano explica a escolha em falar de amor e afeto em seu trabalho mais recente:

O tempo todo expulsaram a gente e fizeram a gente perseguir esse ideal de amor que é feito por pessoas que se parecem com eles [pessoas brancas] e agem como eles e têm um comportamento deles enquanto botam a gente em outras caixas que parecem que a gente não merece isso, tá ligado? Então, por mais que eu tenha sido amado várias vezes, eu não soube receber esse amor porque não me ensinaram a receber esse amor [...] É não saber dar e não saber receber também (Baco Exu do Blues, 2022)

A escolha de Baco em escrever uma obra para revelar suas experiências de vida e assim questionar determinados olhares que, de acordo com ele, o “arranharam” e moldaram suas performances pessoais e também artísticas revelam a possibilidade de acionamento do rap como um ato de escrevivência, uma vez que se configura como “uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado” (EVARISTO, 2020, p.30).

Durante a entrevista ao PodPah Baco afirmou que escreve suas obras baseadas em suas vivências pessoais para que, através do processo de reconhecimento e identificação, outras pessoas negras possam se sentir inspiradas por ele.

Em suas colocações, Conceição Evaristo prioriza a escrita de mulheres ao afirmar que “se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também”. (EVARISTO, 2020, p.30). No entanto, pensando no rap como um lugar de enunciação, um ato, que carrega o objetivo de pautar a vivência de pessoas negras, homens e mulheres, penso que é possível acionar a escrevivência como uma forma de analisar o gênero musical. Ainda assim, é preciso reconhecer que existem contradições importantes a serem expostas, como o fato do rap ser um gênero musical tomado por performances de masculinidades que muitas vezes reproduzem violências de gênero.

¹¹ Disponível em: < <https://rollingstone.uol.com.br/musica/baco-exu-do-blues-tem-quinto-disco-mais-ouvido-do-spotify-conheca-quantas-vezes-voce-ja-foi-amado/> >. Acesso em: 27 de jul. de 2023.

Acredito que a potência das performances¹² de Baco está justamente no ato de expor as rupturas, contradições e reconfigurações presentes no rap e sua relevância em apresentar pautas do movimento negro e as mazelas do racismo no Brasil.

Além de um ato de escrevivência, produções de rap como a de Baco Exu do Blues e as de Emicida e Mano Brown, citadas anteriormente, revelam o rap como um “negro-lugar”, definido por Milton Ribeiro como um espaço de “transcendência ontológico-espiritual” que

Articula territórios educativos, comunicacionais, visuais, imagéticos, sonoros, gestuais com dispositivos narrativos, enunciativos, argumentativos, interpretativos, imaginativos e estéticos em uma chave disruptiva e emancipatória sobre a história e a experiência de homens pretos e das masculinidades negras acionando para isso música, teatro, cinema, dança, expressão corporal, performance, linguagem, literatura, artes plásticas, audiovisuais e os tradicionais espaços africanizados no Brasil (RIBEIRO, 2020, p.127)

A articulação de escrevivência e negro-lugar demonstra um arranjo entre teorias que aponta uma relação interseccional entre experiências vividas de homens e mulheres negras e esta proposição só pode ser bem-sucedida ao reconhecermos, como enfatizou Custódio (2019, p. 153), que “o homem negro não é homem de verdade: dadas as barreiras objetivas e subjetivas oferecidas pela sociedade colonial” (apud FAUSTINO, 2014, p. 90).

É importante salientar ainda que o processo de escrevivência dentro do rap não é um movimento fácil, tendo em vista que o gênero musical possui um regime de normas e expectativas que operam na dinâmica de seus expoentes. O próprio Baco Exu do Blues já foi criticado por ter “abandonado” o tradicional “Rap de Mensagem”, que fez parte das primeiras composições de sua carreira, para cantar de forma mais “pop”, trazendo elementos de outros gêneros musicais para suas canções e com narrativas menos combativas, que exaltam o afeto e a autoestima das pessoas negras.

Na canção “Eu sinto tanta raiva...”, o rapper baiano faz alusão às críticas que recebe ao afirmar, em um dos trechos da letra, que “Só porque venci querem que eu me sinta culpado. Tudo bem, sempre fui maltratado. Ter autoestima sendo como eu se tornou pecado. Exu do Blues é vilão, um jovem inconsequente, surtado”. E continua a provocar

¹² Aciono ainda o conceito de performance defendido por Diana Taylor, como uma forma de enquadramento que permita observar eventos, fatos e situações, tendo em vista a importância do contexto de atos presentificados em diferentes temporalidades, capaz de revelar continuidades e rupturas (TAYLOR, 2013).

os ouvintes no verso seguinte: “Se acostume a ver preto e dinheiro. São só notas, baby, não fique com medo. Fiz milhões, continuei negro (surpreendente)”.

Com isso, tanto as composições do álbum QVVJFA? quanto os depoimentos de Baco Exu do Blues são fundamentais para refletirmos sobre a configuração da masculinidade como “uma experiência coletiva onde um homem busca inserções através de práticas com as quais irá garantir para si visibilidade e status social” (Custódio, 2019, p. 142), onde o homem negro ocupa um lugar contraditório e penoso.

Masculinidades negras e imagens de controle presentes no rap

As primeiras composições de Baco Exu do Blues são famosas pelo tom agressivo, conhecidos como músicas “bate cabeça”, onde o público é convidado a formar as famosas *rodas punk* durante os shows. As canções 999 e Sulicídio, que lançaram o rapper baiano no cenário nacional, falam sobre rivalidade na cena musical do rap. Uma rivalidade que revela uma performance de masculinidade viril e exacerbada que utiliza da violência para estabelecer relações de poder.

Estas performances de masculinidade, muitas vezes, são responsáveis por produzir violências de gênero. Em 2017, Baco foi bastante criticado por seu verso na canção Sulicídio, em parceria com Diomedes Chinaski, onde afirmou que “Não é comendo traveco que se vira fenômeno”. Durante sua entrevista ao PodPah, o rapper explicou a mudança de performance e narrativa presentes no álbum *Quantas Vezes Você Já Foi Amado?*. Em sua fala, Baco revelou que sua agressividade é consequência dos olhares racistas que recebeu durante a infância. Olhares que violentaram seu corpo a ponto do rapper vestir uma fantasia, uma performance violenta.

Com que idade vocês começaram a andar na rua e as pessoas começaram a olhar com medo pra vocês? [...] Eu comecei a sentir essa sensação assim com uns seis, sete anos, que foi quando eu comecei a andar sozinho na rua. [...] E era uma parada muito doida para mim porque eu sempre fui uma criança muito afetuosa, muito amorosa, e eu lembro muito desses olhares no começo da minha vida, eu lembro muito como eles me impactaram porque eu não entendia esses olhares. [...] Eu acreditava nessas pessoas, eu fui perdendo esse meu lado amoroso e fui vestindo esse personagem (Baco Exu do Blues, 2022)

Impressionados com o relato do rapper, os apresentadores do videocast, ambos homens negros, afirmaram que também enfrentaram esses olhares, mas só a partir da

adolescência e não na infância, como Baco. O artista continuou a fazer uma ligação entre sua agressividade e a experiência de ter sido uma criança negra em uma sociedade racista.

Era uma parada muito doída pra mim porque eu sempre fui uma criança muito afetuosa, muito amorosa e eu lembro muito desses olhares no começo da minha vida, eu lembro muito como eles me impactaram porque eu não entendia esses olhares, então, pra mim, foi um transformador muito claro de chave que quanto mais eu ia crescendo mais pessoas me olhavam desse jeito e exatamente que nem você falou [aponta para o apresentador do PodPah] eu acreditava nas pessoas, eu fui perdendo esse meu lado amoroso e investindo nesse personagem (Baco Exu do Blues, 2022)

Tanto esse depoimento do rapper quanto a sua afirmação anterior, em que ele fala sobre as “caixas” onde as pessoas brancas colocavam as pessoas negras moldando suas experiências afetivas, podem ser acionadas como uma análise das imagens de controle que estão impostas sobre esses corpos, uma vez que o conceito de Patricia Hill Collins é fundamental para “conhecer a forma com que os estereótipos são mobilizados para suprimir direitos e obstaculizar o acesso à cidadania” (BUENO, 2020, p.114).

De acordo com Collins “essas imagens de controle são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais e inevitáveis na vida cotidiana” (COLLINS, 2019, p.136).

Assim como o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, as imagens de controle, teorizadas por Patricia Hill Collins, dizem respeito a experiência de mulheres negras, sobretudo mulheres negras norte-americanas, porém, reconhecendo que as “imagens de controle [...] são utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder” (BUENO, 2020, p. 73), acredito que pensar em como as imagens de controle operam nos corpos de homens negros pode fortalecer em uma construção teórica interseccional.

Além disso, é importante salientar que o homem negro ocupa um lugar de violência constante, uma vez que a taxa de homicídios de homens negros no Brasil é quatro vezes maior do que a de não-negros¹³. E no que diz respeito às questões de masculinidades, o homem negro ocupar um lugar paradoxal já que “apesar do Negro ser

¹³ Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/11/19/taxa-de-homicidio-de-homens-negros-no-brasil-e-quase-4-vezes-maior-do-que-a-de-nao-negros-aponta-estudo.ghtml> > . Acesso em: 05 de ago. de 2023.

uma categoria de existência, sua dimensão estética será performada na tentativa de emular os elementos da masculinidade hegemônica patriarcal que não possui” (Custódio, 2019, p.153).

A articulação desses conceitos não pretende anular ou questionar as implicações que as opressões de gênero têm na vida das mulheres negras, muito pelo contrário, a pretensão do estudo é demonstrar como as violências vivenciadas pelos homens negros reverberam também na vida de mulheres negras e que os homens negros estão em um lugar contraditório em que também podem reproduzir violências contra essas mulheres.

Por isso, para fortalecer e garantir o êxito dessa construção interseccional é fundamental reconhecer que

“O homem negro é uma figura interessante para refletir sobre os lugares de sujeição e lugar de sujeito, pois, enquanto a mulher negra ocupa o lugar da vulnerabilidade Zero, ou seja, uma subalternidade marcada e traçada à caneta por seus marcadores do negativo-social, o homem negro possui, na sua sujeição, a promessa ou crença (estado latente de desejo) pela outra ponta, que não se realiza. Essa ponta a se realizar é a ponta ensaiada, é aquilo que é buscado, esboçado. Traços falhos e incompletos, marcados por pontos e não tracejados firmes. Uma performance.” (CUSTÓDIO, 2019, p.135)

É essencial ainda lembrar que “[...] padrões de masculinidade, assim como de identidade racial, estão sujeitos ao contexto histórico e de negociações e agências. Portanto, não podem ser olhados a partir de características duras, imutáveis ou mesmo apriorísticas” (Custódio, 2020, p.133).

Com isso, é possível inferir que existe um regime de imagens de controle baseado em padrões de masculinidades e identidade racial dentro do próprio gênero musical rap, uma vez que, performances como as de Baco Exu do Blues em QVVJFA? e de Mano Brown em Boogie Naipe apresentam recepções distintas do público.

Ao se distanciar do tradicional “Rap de Mensagem”, que tem como um de seus principais expoentes o grupo Racionais MC’s, com letras que falam explicitamente sobre casos de racismo e violência, sobretudo a violência policial, os representantes do gênero são muitas vezes cobrados pelos fãs que deslegitimam as produções “menos agressivas” e mais “pacíficas”. Uma provocação que demonstra como determinadas regras operam no rap a fim de moldar e determinar aquilo que é digno e pertencente ao movimento musical da cultura negra.

A necessidade de demonstrar uma virilidade exacerbada e por vezes violenta no rap pode demonstrar o acionamento de uma imagem de controle sobre os corpos negros que foi incorporada e segue se renovando ao longo dos anos. Imagens que operam na lógica da desumanização das pessoas negras ao minar a narrativização de suas vivências afetivas.

Estilhaçando as imagens de controle

O percurso pessoal e artístico do rapper baiano coloca em evidência o processo de identificação do sujeito negro, que corrobora com os estudos de Isildinha Baptista Nogueira (2021). Ao analisar os efeitos psicológicos de ser um corpo negro formado em uma sociedade colonial e racista, a intelectual afirma que

O que se verifica no processo de identificação, em que o sujeito introjeta, parcial ou totalmente, por meio da imitação ou da incorporação, o objeto amado ou odiado, ou ambas as coisas simultaneamente, reagindo, assim, ao amor ou ao ódio pela incorporação das propriedades do objeto: tal processo funciona como mecanismo de defesa. (NOGUEIRA, 2021, p.35)

As análises de Isildinha Nogueira dialogam com as ideias defendidas por Frantz Fanon na obra “Pele Negra, Máscaras Brancas”, em que sua formação identitária negra é exposta em confronto com as práticas colonialistas e racistas da branquitude. Fanon também revela os efeitos psicossociais do racismo e afirma que

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração do seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é uma atividade puramente negacional. É um conhecimento em terceira pessoa. Ao redor do corpo, reina uma atmosfera de clara incerteza. (FANON, 2020, p.126)

Em uma de suas falas no PodPah, Baco se mostra interessado em quebrar com as expectativas e imagens que os olhares brancos projetaram sobre o seu corpo e declara que foi em um movimento de fuga e autodeterminação que compôs o *Quantas Vezes Você Já Foi Amado?*

"Eu vou continuar vestindo esse personagem pro resto da minha vida, do cara que só sabe ser agressivo e eu não quero isso pra mim, eu quero mostrar como eu sou pras pessoas e não quero depender de um personagem pra nada, quero mostrar minha arte, mostrar minhas fraquezas, mostrar minhas sensibilidades sem medo do que as pessoas vão achar" (Baco Exu do Blues, 2022)

Com isso, a produção do disco do rapper pode ser analisada como um movimento que possibilita a identificação necessária para que as pessoas negras tomem consciência de sua constituição como sujeito, uma vez que, como enfatizou Isildinha Nogueira, a socialização do indivíduo negro é um processo carregado de desumanização.

Esse processo de desumanização pelo qual passou o negro tem como consequência, conforme aponte, bloquear o processo de constituição da individualização, na medida em que bloqueia a possibilidade de identificação com os outros nas relações sociais. A única esfera de identificação possível seria com outros negros, todos identificados entre si e pela exterioridade social como não indivíduos sociais, porque “coisas”, “peças”, “mercadorias” possuídas por aqueles que, estes sim, eram indivíduos na sociedade (NOGUEIRA, 2021, p. 56)

Diante de tantos agenciamentos sobre um único corpo que não consegue se encontrar e nem realizar as expectativas que estão colocadas sobre ele, a liberdade e a felicidade só podem ser alcançadas, muitas vezes, através de “um processo de constituição de um novo sujeito - sujeito este, pleno, íntegro de si, que se desenvolve em suas potências e humanidade. Caindo para dentro, sem verter no inadequado. Humano” (CUSTÓDIO, 2020, p.158).

Ao afirmar que “a raiva é uma coisa muito pesada e eu cansei um pouco desse lugar, de carregar essa raiva, eu cansei”, Baco Exu do Blues caracteriza o seu último álbum e também expõe uma articulação realizada por outros artistas, intelectuais e personalidades negras que defendem a escrevivência da negritude longe dos olhares e perspectivas da branquitude colonialista.

Conclusão

Através da análise apresentada é possível concluir que estudos que articulem as masculinidades negras como consequência e não causa das opressões enfrentadas por mulheres negras são fundamentais para compreender um contexto social e cultural que foi formado dentro de uma estrutura racista. Ao reivindicar o afeto e a sensibilidade de homens negros, Baco Exu do Blues evidencia que estamos vivendo um momento de virada no que diz respeito aos estudos do feminismo negro, onde a raça é apreendida como prioridade.

A partir da escuta do “Quantas Vezes Você Já Foi Amado?” e da articulação do disco com memórias pessoais apresentadas pelo próprio artista, é notável que, ao acionar a música como um negro-lugar, é possível trazer ao campo dos estudos acadêmicos uma

perspectiva racializada mais fiel ao contexto social brasileiro e assim criar documentos que sejam capazes de confrontar as imagens de controle que cercam os corpos negros.

Por fim, ressaltamos que o principal objetivo da proposta é promover um deslocamento metodológico para ampliar os conceitos, promovendo aproximações conceituais que vão rasurar os binarismos existentes entre gênero e raça na comunicação. Reconhecemos a atenção para não colocar o homem negro como central nas pautas do feminismo negro, mas inferimos a potência das Imagens de Controle (COLLINS, 2019) para tratar problemáticas para além da mulher negra cis.

Para confirmar tal evidência, é preciso desenvolver mais estudos de análises a partir de uma perspectiva da corrente do mulherismo africana, manifesto na pensadora Anin Urase, que aciona o feminismo negro e a interseccionalidade, com o objetivo de compreender o impacto do colonialismo como um sistema que

fez milhares de pretos serem atirados ao Oceano e lançou a dicotomia entre natureza e humanidade do padrão capitalista. As feminilidades e masculinidades construídas pelo cisheteropatriarcado e racismo, juntos, saíram dessa experiência; no Atlântico, africanas choraram feminilidades e africanos seguraram o choro das masculinidades. (AKOTIRENE, 2020, p.41)

REFERÊNCIAS

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020. p. 48-54.

FANON, F. **Pele negra, máscaras**. São Paulo: Ubu, 2020.

JANOTTI JÚNIOR, J. **À procura da batida perfeita: a importância do gênero musical para a análise da música popular massiva**. Eco-Pós, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 2, 2003.

JANOTTI JR., Jeder. **Gêneros musicais em ambientações digitais [recurso eletrônico]**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2020. Disponível em: <<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/publicacao/generos-musicais-em-ambientacoes-digitais/>>.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. 1.ed. - São Paulo: Perspectiva, 2021.

RESTIER; SOUZA, H; SOUZA, R. M. (Org.). **Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades**. In: CUSTÓDIO, T. A. Per-vertido Homem Negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir de categorias de sujeição. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2019.

RIBEIRO, M. “**Eu decido se cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong.**” **Homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira**. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v.7, n. 25, 2020.

RODRIGUEZ, N. S. **Hip-Hop’s Authentic Masculinity: A Quare Reading of Fox’s Empire**. Television & New Media, 2017.

TAYLOR, D. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

TEPERMAN, R. **Se Liga No Som: As Transformações Do Rap No Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

VIEIRA DA SILVA, R. “**Fiz Um Boogie Pra Você, Baby**”: **Tensões Representativas A Partir Do Primeiro Álbum Solo Do Mano Brown**. In: INTERCOM, XL., 2017, Curitiba. Anais eletrônicos. Disponível em: < file:///C:/Users/Gio/Downloads/FizUmBoogiePraVocBaby-RmuloVIEIRADASILVA.pdf >. Acesso em: 01 jul. 2023.